

Dicionários 1993 — 1994

1. Peter EICHER, (ORG.): *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*
SÃO PAULO, PAULUS, 1993, 1036 pp.

Trata-se da tradução da segunda edição revista do *Neues Handbuch theologischer Grundbegriffe* (München, Kösel, 1991), bastante ampliada em relação à primeira dirigida por Heinrich FRIES (*Handbuch theologischer Grundbegriff*, ibid, 1962. Trad. port. *Dicionário de Teologia*, São Paulo, Loyola, 1970-71). O presente dicionário apresenta um número limitado de verbetes, dos quais alguns são verdadeiros pequenos tratados, com parte bíblica, histórica, filosófica e sistemática, abrangendo o campo todo da teologia, da teologia fundamental à ética e à pastoral. Para temas polêmicos, aparecem em paralelo a visão católica e a visão protestante, eventualmente uma perspectiva ecumênica global. Os colaboradores pertencem predominantemente ao domínio alemão (há quatro franceses, um italiano, um grego assinando o artigo sobre a igreja ortodoxa e até um brasileiro escrevendo sobre pobreza). As extensas bibliografias, que citavam quase exclusivamente títulos em língua alemã, foram atualizadas depois da primeira edição de 1984, inclusive com alguns autores latino-americanos, na forma de uma bibliografia suplementar em fim de volume. A nova edição pretende incorporar as preocupações da teologia latino-americana da libertação, embora isso não se traduza em colaborações efetivas ao dicionário. Ressaltamos a presença da teologia feminista, através de artigos redigidos por algumas teólogas.

Diversos índices encerram a obra: um amplo índice temático, um índice dos verbetes e um índice geral. O índice dos colaboradores está no começo, antes dos prefácios da edição brasileira e da edição ampliada.

Este último prefácio informa o leitor das novidades incorporadas ao dicionário: vários verbetes testemunham uma maior aproximação com o judaísmo e com outras religiões, como o bu-

disco e islamismo; aparecem a ecologia, a inculturação, a religião popular; a teologia da libertação amplia sua presença com a opção pelos pobres e o pecado social; além da teologia política, a teologia feminista ocupa um maior espaço com o artigo sobre “deusas”, indicamos também a multiplicação das relações estabelecidas entre a teologia e outros setores da ciência e da cultura, como a psicologia e a literatura. O diretor da obra convida o leitor a perceber “*com que intensidade, na teologia moderna, a convicção dos grandes e antigos temas da revelação judaico-cristã se alia à defesa das convicções científicas do presente e a uma solidariedade prática com todos aqueles que defendem a justiça*” (p. VIII). O objetivo não foi apenas acompanhar o desenvolvimento da teologia mas também dar uma contribuição própria para a renovação dela. Trata-se de “*por em ordem as próprias idéias teológicas*” (ibidem). Peter EICHER ressalta a importância da discussão com a situação concreta das grandes religiões do mundo, do aproveitamento da experiência da psicanálise e da psicologia das profundezas, das preocupações socio-econômicas da Teologia da Libertação e do movimento ecumênico pela “*justiça, paz e preservação da criação*”, assim como da visão renovada dos temas “clássicos” da teologia. Aliás, esses temas destacam-se pelo volume dos verbetes a eles dedicados.

A obra está escrita numa linguagem acadêmica de alto nível, pressupondo nos leitores uma sólida cultura filosófica, teológica e de ciências sociais. Muitas vezes a formulação concisa e abstrata dificulta a compreensão e é preciso recorrer a outros dicionários para encontrar a explicação de certos temas e conceitos. A linha teológica adotada reflete geralmente a renovação pré- e pós-Vaticano II na Europa, com pouca ousadia, a não ser em alguns verbetes novos. A referência à teologia latino-americana só aparece em artigos específicos, estando totalmente ausente em verbetes importantes, como por exemplo “esperança”, “liberdade”, “Jesus Cristo/Cristologia”, “dogma/evolução do dogma”.

O dicionário será um útil instrumento de trabalho para professores, dando uma primeira orientação no tema pesquisado. Reconhecemos o esforço dos tradutores para indicar, na parte atualizada da bibliografia, o título original das obras ou a tradução portuguesa; não é, infelizmente, o caso da parte retomada da primeira edição.

A título de ilustração, queremos destacar quatro artigos que nos interessam particularmente: ecologia, leigo/clero, literatura e teologia, pobreza. A apresentação da ecologia inicia com explanação da problemática ambiental contemporânea e discute amplamente a relação natureza-homem nas religiões, prossegue com interesse histórico da questão dentro do cristianismo — do texto do Gênesis à racionalidade instrumental moderna e à recente

revalorização da corrente “*holista*” presente desde as origens. Termina com algumas orientações éticas: a complexidade do agir e a responsabilidade, a interdependência dos fatores e atores, a preocupações com o futuro da natureza e da humanidade.

No outro artigo a ser destacado, encontramos uma primeira parte histórica onde se mostra a evolução da passagem de uma posição da Igreja/Mundo à dualidade interna da Igreja/Clero e a um “*catolicismo de bloco*” conduzido pelos leigos na época moderna. O novo ponto de partida no Vaticano II, com a definição da Igreja como Povo de Deus e a “*questão incômoda da compreensão teológica do ministério*” caracterizam a época recente. O autor relata as críticas feitas à concepção tradicional e propõe alternativas, numa base mais pratico-pastoral que teórica, fundamentada na igualdade pneumática de todos os membros da Igreja: exercício efetivo de ministérios na Igreja, generalização das estruturas sinodais na Igreja e nas comunidades, introdução da colegialidade em todos os níveis, superação do clericalismo. Uma segunda parte, crítico-psicológica, da autoria de E. DREWERMANN, usa o método outrora proscrito da psicanálise para “*descrever e explicar a gênese e a dinâmica de uma correspondente construção da vida clerical em suas possibilidades e riscos*”. O autor examina com uma impressionante lucidez todos os aspetos da vida do clero, marcada pela troca de níveis entre ofício e pessoa, e indica direções para superar a atual crise dos ministérios.

Usando os mais recentes recursos da semiótica, o autor do artigo “*literatura e teologia*”, propõe afinal uma teoria de narração capaz de revolucionar o método teológico. Enfim, não podemos deixar de mencionar o primoroso tratamento do tema da pobreza (dos empobrecidos e da teologia a partir dos pobres) do ponto de vista da teologia da libertação, pelo brasileiro Rogério Cunha de Almeida.

Etienne A. Higuét

2. Renné LATOURELLE E Rino FISICHELLA:
Dicionário de Teologia Fundamental.
Petrópolis, Vozes/Santuário, 1994, 1094 pp.

Esse dicionário que nos chega da Itália, quer tratar das relações entre a Igreja, as religiões, cristãs ou não-cristãs, e o mundo da cultura. Traz pois uma informação sobre os temas que parecem polêmicos ou difíceis para cada um *eles*. O dicionário traz também os problemas que exigem uma resposta para nós mesmo diante das dúvidas que nos advém do relacionamento com o

mundo moderno. No passado, provavelmente a obra receberia o nome de *Dicionário de Apologética* como foi o *Dictionnaire Apologétique de la Foi Catholique* de Adhemar D'Alés, do qual, aliás, os autores se confessam devedores. A explicação de como mudaram os tempos aparece no verbete *teologia fundamental*.

Garantem a seriedade da publicação seu planejamento minucioso e sua origem: a *Universidade Gregoriana* de Roma, com seus professores jesuítas mas que contaram com a colaboração de teólogos do mundo inteiro, embora ligados a uma mesma maneira de fazer teologia. Isso lhe dá uma coerência e uma linha de pensamento cuja unidade aparece como vantagem para quem quer ver as coisas com ordem e seqüência.

É bastante surpreendente ver expressões da teologia tratados exclusivamente do ponto de vista "fundamental". Mesmo os numerosos teólogos que são mencionados, desde a patrística com seus apologetas até Hans Urs von Balthasar, são analisados exclusivamente enquanto tratam de problemas da teologia fundamental. Nem os concílios (Trento, Vaticano I e Vaticano II) ou os documentos do *magistério central* (cf. verbete *teologia da libertação* 4), são estudados além do que ajudam no conhecimento fundamental.

Apesar de se tratar de um dicionário, existem um índice sistemático, uma lista de verbetes e um índice analítico. A lista dos verbetes contém os termos contemplados com a escolha para o dicionário, exatamente na ordem alfabética em que virão depois, tendo junto os respectivos autores: é portanto uma simples lista de propaganda publicitária, que poderia ser suprimido sem perda...

Os outros índices são preciosos. O índice sistemático divide os problemas tratados no dicionário sob cinco temas: a revelação, a credibilidade, a fé, a epistemologia e a história, subdividindo-os conforme a conveniência e, sob cada um dos temas e subtemas, vai colocando os termos constantes no dicionário repetindo sua presença tantas vezes quantas forem necessárias para constituir com eles um tratado lógico e desenvolvido.

No índice analítico, cada termo do dicionário aparece de novo mas com um resumo dos principais pontos em que é abordado. Nesta excelente visão de conjunto foram incluídos termos que não constam como independentes por merecerem apenas uma citação resumida enquanto explicação dentro de outros verbetes.

Alguns verbetes foram tratados de modo brilhante. A *Cristologia* com todos os seus cinco itens, a *Evangelização*, a *História*, a *Igreja*, com suas nove subdivisões, a *Religião*, a *Teologia* e as *Teologias* são apresentados como um tratado completo e numa abordagem filosófica e teológica atualizada que certa-

mente podem informar com rapidez como está o conhecimento moderno de sua racionalidade. Não podemos dizer que colhemos só sucessos, o verbete *Universal concreto* é tratado sem levar em consideração os temas *História: filosofia, História: teologia* nem *Unicidade e universalidade* e parece pobre diante deles, ficando apenas em algumas problemáticas medievais...

Admiramos o trabalho paciente da edição brasileira que procurou a tradução nacional das obras aqui publicadas e citadas em lugar da versão italiana e, parece, esforçou-se também em juntar alguns livros publicados por aqui e que dificilmente seriam conhecidos entre os europeus e norte-americanos redatores dos textos do livro.

Infelizmente esse dicionário não é uma obra que se possa por na mão do povo: filosófico, culturalmente situado em contexto de reflexão universitária europeia, muitos problemas dele não são problemas nossos e algumas das conclusões a que já chegamos não são ali abordadas (o verbete *Teologia da libertação* foi tratado de maneira razoável). Mas é excelente para os nossos seminaristas que não pretendem bitolar-se à uma visão ideologizada por um só grupo de poder local. Os professores de teologia ou mesmo sacerdotes que queiram continuar ao par do que se discute em ambiente mais largo de teologia, terão aí uma mina de informações. Também seria um ótimo presente para universitários ou pessoas de elevada cultura que vivem em ambiente de leitura americana e europeia de certo nível e que, por isso, precisam de certas respostas aos problemas que a modernidade lhes traz culturalmente. Quem recebeu um favor de algum médico teria aí um instrumento ótimo de pagar o bem recebido com um bem merecido e útil...

P. Antonio Silva CSSR

3. Marciano VIDAL, *DICIONÁRIO DE MORAL: Dicionário de Ética Teológica*, Porto, Perpétuo Socorro/Santuário, s/d, 688pp.

É sempre muito bom quando temos ampliada a possibilidade de acesso a um novo dicionário na área de teologia em língua portuguesa. Felizmente, nestes últimos anos, essa possibilidade vem sendo multiplicada. Essa oportunidade é-nos dada com o "*Dicionário de moral: Dicionário de ética teológica*" recentemente publicado em coedição pelos editoriais Perpétuo Socorro de Portugal (onde o texto foi impresso) e a Santuário do Brasil.

No final deste dicionário encontramos a importante "*chave de leitura*" assim descrita: 1. Enquadramento da questão mo-

ral; 2. A raiz bíblica da moral cristã; 3. História da Teologia Moral; 4. Fundamentação da ética teológica; 5. Categorias morais básicas; 6. Moral da pessoa; 7. Bioética teológica; 8. Moral da sexualidade; 9. Moral do matrimônio; 10. Moral da família; 11. Moral social; 12. Direitos humanos; 13. Moral econômica; 14. Moral política; 15. Moral do mundo da cultura; 16. Mudança, conflito e violência; 17. Guerra e paz.

Nessa “*chave de leitura*” pode-se perceber a moldura escolhida pelo autor para apresentar o conjunto de vocábulos que compõem o presente dicionário, mas também ele deixa entrever as preocupações que comandam sua seleção dos verbetes e o modo como são apresentados em uma síntese que abrange o amplo campo da Teologia Moral ou Ética Cristã (distinção assinalada pelo autor no título).

O material reunido no presente dicionário encontra-se, de forma mais desenvolvida, ao longo da vasta obra bibliográfica de Marciano Vidal, autor único de todo este dicionário. Bastaria lembrar, por exemplo, “*Para conhecer a ética cristã*”, Paulus, São Paulo, 1993 (recentemente resenhado por nós em “*ESPAÇOS*”, 1 (1993-2), pp. 155-157). A exemplo daqueles escritos, também neste Marciano empreende a trajetória percorrida por expressiva parcela dos teólogos da moral cristã afinados ao Vaticano II. Tal percurso é feito em ótica europeia. Nesse sentido, a grande problemática abordada — o “*sinal dos tempos*” — é o contraste autonomia versus heteronomia (com a rejeição de ambas e a opção pela teonomia), o mesmo acontecendo com a consciência, a sexualidade...

Enfocando esta temática do nosso ponto de vista latino-americano, mesmo que pudéssemos partir da mesma “*chave de leitura*”, a problemática maior é outra: pobreza, exclusão, clamor de imenso contingente de pessoas envelhecidas antes do tempo, prescindência com afastamento, rosto do empobrecido...

Os verbetes desta obra trazem certa abertura nesse sentido, mas ainda há muito a caminhar para responder aos grandes desafios da profunda crise ética na qual estamos (cf. CNBB, “*Ética: pessoa e sociedade*”, (Documentos da CNBB n.50), São Paulo, Paulinas, 1993, pp. 13-28).

Este dicionário é defensor de uma ética personalista, exercida com responsabilidade, com acenos para o passo seguinte, a ética da solidariedade compassiva frente ao rosto do outro. Nesse sentido, em nosso meio já há muita preocupação de que é necessário prestar atenção ao clamor que brota dos pequeninos. A audição ética desse clamor é urgente, pois nessas vozes esta falando Deus que anseia por Vida! Quem já desenvolveu bastante essa sensibilidade deparar-se-á com interrogações frente ao que vai encontrar aqui. Aos que estão iniciando essa caminhada, todavia, poderá ser de boa ajuda.

Com certeza o Pe. Marciano Vidal terá muito a acrescentar em relação ao que aqui vai exposto, especialmente frente à gran-

de capacidade de diálogo e abertura de que dispõe (cf., por exemplo, o importante trabalho de M. Vidal, *Podemos bautizar el capitalismo?*, Madrid, San Pablo, 1994. e comparando o que vai exposto no novo livro, com a verbete “lucro” apresentado neste dicionário, pode-se perceber nitidamente a caminhada feita).

Há tentativas entre nós, nesse sentido. Todavia, ainda são muito insignificantes e, em geral em forma de artigos apenas. Dicionários, nessa ótica latino-americana, não existem. O presente dicionário poderá prestar-se para um contributo de passos iniciais nessa direção.

Seria ótimo se um dia nascesse um dicionário enfocando esses aspectos tão prementes entre nós, do ponto de vista ético (sonhar não é tão preciso, assim como viver?!). Há o desafio ético proveniente do Evangelho que requer postura solidária e conseqüente diante dessa problemática maior (cf. *Santo Domingo* n.178).

A bibliografia sugerida ao final de cada verbete é bastante sintética e não vai além do final dos anos 80. O assunto tratado é muito dinâmico, o que torna as referências bibliográficas logo ultrapassadas. A *Centesimus annus*, a terceira parte do *Catecismo da Igreja Católica*, e a *Veritatis Splendor*, por exemplo, não são mencionados aqui (o texto foi preparado antes). Na perspectiva que o dicionário se propõe, seria importante para o leitor, ter presentes esses textos oficiais hoje.

A exposição da temática própria em cada verbete também é muito sintética. Temos apenas o estritamente necessário para um início de compreensão do respectivo verbete na ótica do Vaticano II.

De qualquer modo, o dicionário é bom para uma consulta rápida e, como seu criador tem bastante sensibilidade aos problemas éticos vividos hoje pelos pequeninos (que também existem na Europa, embora não tantos e do jeito que sobrevivem aqui) enriquece sua possibilidade de informação.

Trata-se de um dicionário de fácil compreensão, especialmente indicado para estudantes de Teologia Moral que precisam conhecer os principais temas que fazem parte do assunto da moral cristã na ótica de hoje. Vindo de encontro a esse público, o presente dicionário ganha em agilidade por ser de um único autor, mas perde em profundidade por não contar com a colaboração de diferentes especialistas em áreas específicas aqui tratadas.

Diante das novas intuições que o campo da ética cristã vem produzindo nesses últimos tempos, em especial nos ambientes pouco freqüentados pelos estudiosos da Teologia Moral até poucos anos atrás, é importante conhecer os principais conteúdos de ética cristã. Abre-se aqui mais uma dessas possibilidades.

Darci Luiz Marin
Professor de Teologia Moral - Redator de VIDA PASTORAL
Instituto Teológico São Paulo

4. Carlos CORRAL SALVADOR E Jose Maria URTEAGA
EMBIL (ORG.): *DICIONÁRIO DE DIREITO CANÔNICO*
São Paulo, Loyola, 1993, 813 pp.

O livro gloria-se de ser o primeiro dicionário de direito canônico do mundo e isso é possível. Certamente é o primeiro a aparecer em português. Em todo caso, um livro que nos possa auxiliar quando temos alguma dificuldade em achar qual a lei da Igreja que se aplica aos casos concretos é certamente desejável. Depois do concílio mudaram-se tanto as leis e com tal rapidez, que pouca gente pode acompanhar a avalanche de leis e decretos que se sucederam em circunstâncias realmente novas. Além de que surgia uma nova teologia, uma nova mentalidade e uma nova prática.

Por escolha dos autores, não se faz um esclarecimento muito profundo. Multiplicam-se as palavras chaves, mas cada termo é tratado com toda a brevidade, a maioria não chega a uma página. Há uma referência constante aos cânones que freqüentemente são citados em todo o seu texto para evitar a procura e confirmação fastidiosa em outro livro. Geralmente é um meio de consulta rápida e clara, útil para quem sabe pouco, reduzida demais para que tem dúvidas fundadas.

Entretanto alguns termos mereceram um tratamento especial e se alongam o suficiente para um esclarecimento, sobretudo os que tem maior uso pastoral-sacramental. O *batismo* é visto como doutrina, rito, preparação, ministro, sujeitos, padrinhos, lugar do batismo, registros. Um tratamento semelhante obtêm a *confirmação*, a *penitência*, e o *matrimônio* sob os vários aspectos como *consentimento*, *forma*, etc.

Entre os termos bem trabalhados estão também *paróquia*, *código* e *liberdade religiosa*. Também esse dicionário é o lugar onde se podem ver enumeradas e caracterizadas cada uma das Congregações Romanas e dos Conselhos Pontifícios. Chama a atenção um verbete bem raro e cuja formulação já diz muito: *Mulher na lei da Igreja* que, originalmente, faz mais críticas que elogios à lei.

Completam o dicionário vários instrumentos de procura. O primeiro é um índice dos verbetes que constam no dicionário aos quais foram juntados outros termos que não constam no texto alfabético, mas, que estão no interior dos verbetes desenvolvidos aos quais se faz o reenvio. É de se notar que os termos assim citados são em maior número que os outros.

Outro índice extremamente útil é o de termos latinos. Em matéria como o direito em que facilmente entram citações internacionais, essa lista de termos latinos facilita a consulta e a referência.

O novo direito tem só dez anos de prática. O direito anterior ainda está na lembrança e nos livros de quase tudo que fazemos. Três listas permitem ver a correspondência entre os direitos de 1917 e 1983 e de 1983 e 1917, bem como o lugar de cada verbete do dicionário dentro do esquema do código atual e dentro das divisões normais das ciências auxiliares do direito canônico.

Os autores queriam fazer um texto capaz de resolver rapidamente os problemas das pessoas que soubessem pouco direito e que tinham necessidade de um texto breve e sintético, embora abrangente. Conseguiram plenamente seu objetivo. Recomenda-se o livro como fonte de consulta para todos os párocos, alunos de teologia, alunos de direito que queiram entender algo do direito canônico e em todos os serviços eclesiais. Quem faz uso dele, pode não ser profundo, mas raramente ficará sem saber mais ou menos o que deve fazer.

Pe. Antonio Silva, CSSR

5. Gerd HEINZ-MOHR, *DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS; IMAGENS E SINAIS DA ARTE CRISTÃ*
São Paulo, Paulus, 1994, 383 pp.

Com esta obra, nosso autor procura tirar a insegurança e o incômodo que os símbolos provocam no homem hodierno, que muitas vezes se perde na linguagem abstrata, teórica e sem plasticidade.

O autor, baseado nas teorias e experiências de Carl Gustav Jung, no seu livro "O Homem e seus Símbolos" (1968), leva os leitores a perceberem que os seres humanos não podem viver isolados do cosmos, pois perderiam sua identidade inconsciente emocional que provém do contato com a natureza e dá significado à verdadeira sabedoria. Os símbolos revelam o encontro entre a religião e a arte plástica, entre o culto e a teologia sistemática. A força da imagem faz-se presente na propaganda, na imprensa ilustrada, no cinema e na televisão. Descodificar essas imagens é poder reler a *psicologia profunda* que contribui para melhor entender os fenômenos e fatos passados que se repetem nas situações de hoje. Os símbolos ajudam a compreender a profundidade da vida que não é facilmente entendida à primeira vista. Não vivemos apenas num **mundo de símbolos** mas **um mundo de símbolos vive também em nós**. Todos servem-se de símbolos, conscientemente ou não, de dia e de noite, na linguagem, nas ações e nos sonhos. Os símbolos fazem a ligação do visível e do invisível, da nostalgia para o Transcendente, das tensões e das culpabilidades, do culto e do mito, da religião e da realidade quando superam a compreensão humana.

Para Heinz-Mohr, as expressões artísticas tiveram a finalidade de dar forma humana ao divino. A arte ficou por muito tempo restrita ao mágico. As pinturas pré-históricas das cavernas revelam a luta do homem pela sua existência e conservação, ao desenhar e abater simbolicamente animais perigosos. **A representação simbólica revela ainda o ser primitivo** cultuando os mortos e recomendando-os à proteção da divindade. Instrumentos de trabalho humano, como por exemplo, o *martelo* e o *machado*, tornam-se **símbolos do poder da divindade**. As representações humanas dos deuses surgem mais tarde na Mesopotâmia, Ásia Menor, e no Egito e extremamente individualizadas na Grécia. O Egito, com sua simbologia dos números, vinculados às tradições astronômicas do Oriente Médio, torna-se modelo das possibilidades simbólico-expressivas da arte religiosa. A esfinge, por exemplo, com cabeça humana, patas de leão, costas de touro e asas de águia, constitui a síntese simbólica dos quatro elementos *terra, fogo, água e ar*.

Os cristãos viam nos símbolos uma verdadeira confissão de fé pois era o testemunho, de forma vinculante e obrigatória, do **dizível** e do **indizível** sobre Jesus Cristo, do Deus e do Homem verdadeiro. Em afrescos das catacumbas, lamparinas de barro, copos, cenas bíblicas expressam a esperança cristã e aludem a algo mais profundo do que representam. Assim, no mundo animal, o peixe, a águia, a pomba, o cordeiro, o touro, o pavão, a serpente e, no mundo das plantas, a palmeira, a vinha, o ramo de oliveira, a rosa vão além do que podem parecer. Muitos símbolos provêm das imagens bíblicas ou das figuras espontâneas da mitologia da Antiguidade.

Assumindo a visibilidade da Encarnação, a arte simbólica medieval ganhou seu fundamento teológico quando interpretou os sinais do Criador em sua criação. O sistema simbólico que se desenvolveu no âmbito romântico e no gótico, oferece uma representação altamente sensível das afirmações da fé cristã. A educação para descodificar os vínculos entre o ver e o pensar é uma espécie de apostolado que às vezes se faz de maneira discreta e outras vezes de maneira lapidar e drástica.

O autor indica a *origem* e a *procedência* dos símbolos e sua evolução natural através dos tempos. Os sinais-símbolos escolhidos nem sempre eram genuinamente cristãos mas foram interpretados em sentido católico na arte eclesial.

É necessário ressaltar a **simbologia dos animais** pois o animal representa propriedades, tendências, perigos e desafios do homem. Na base dessa simbologia está o "*Physiologus*", obra de autor desconhecido, que viveu provavelmente no Egito perto do ano 200.

Outra fonte importante para se compreenderem as representações e cenas da época é a *Lenda Aurea* do arcebispo

genovês Jacob de Voragine (1230-1298) que é consulta necessária para se saber os atributos dados aos santos.

Temos de levar em conta ainda as fontes sobre os autos dos mistérios que ajudam a entender muitas cenas e figuras da arte plástica.

O *Dicionário de Símbolos* tem como finalidade não uma contribuição à teorias sobre os símbolos mas visa servir à práxis buscando ajudar a desvendar um mundo largamente desconhecido e muito fascinante. Procuram-se tratar não apenas o símbolos e sinais em sentido estrito mas também as representações cênicas de conteúdos bíblicos ou no contexto de lendas dos santos.

O *Dicionário de Símbolos* oferece uma série de verbetes bastante gerais e neste contexto, indica as cenas e significados por eles trazidos. Com essa visão, a obra ajuda o leitor a aproximar-se de contextos históricos da arte e o ajuda a ver, julgar e reconhecer. O leitor é assim instruído a ver não apenas o essencial mas lhe dá a possibilidade de uma percepção global do visível e o invisível.

No seu conjunto, essa obra é de suma importância para quem vive no mundo das imagens e quer saborear a vida, descobrindo nela a beleza e o esplendor mágico do Desconhecido e do Transcendente.

Quanto á tradução e á linguagem, faria alguma restrição pois deveria ser mais correta e adaptada ao linguajar comum de hoje e que pudesse expressar melhor o modo latino de falar e comunicar-se. No conjunto, vale a pena conferir pois a riqueza do conjunto ajuda a ter uma visão holística da vida, revelando um universo tão antigo ao próprio homem mas que também é tão jovem como qualquer aventura para o mundo desconhecido.

Antonio Carlos Oliveira Souza CSSR
Professor de Teologia Dogmatico-Sacramentária
Instituto Teológico São Paulo e PUCAMP, Campinas, SP.

Angel Aparício RODRIGUEZ E Joan CANAL CASAS:
DICIONÁRIO TEOLÓGICO DA VIDA CONSAGRADA.
São Paulo, Paulus, 1994, 1238 pp.

Precioso dicionário sobre a vida dos religiosos e que não deveria faltar em nenhuma casa religiosa, sobretudo aquelas que tratam da formação. É um resumo do que melhor se pensa e se escreve sobre a vida religiosa. Para tanto procuraram os organizadores especialistas para cada um dos verbetes que foi redigido. Ninguém dos que assinam estão ali por acaso: chama-se uma mulher para falar de mulheres, um brasileiro para falar dos inseridos, um ecônomo para falar dos bens religiosos e psicólogos para falar das várias necessidades psicológicas.

O dicionário quer ser teológico: quer portanto saber os valores de revelação e de experiência de Igreja que estão por detrás de cada uma das características que toma a vida consagrada hoje: quando se fala de história ou de direito, faz-se com estrita necessidade teológica.

Cada artigo se apresenta como um verdadeiro tratado onde não faltam as citações onde se pode achar uma confirmação de cada tese avançada e termina com uma bibliografia seleta e atualizada em grande parte proveniente do mundo hispânico ou para ele traduzida. Mesmo para quem quiser continuar depois a pesquisa, as fontes são bem numerosas e fundamentais.

Interessante a proposta de leitura sistemática que o dicionário faz logo de início: quem quiser fazer um curso de vida consagrada ou pretenda ajudar a outros num estudo metódico e orgânico (e quantos formadores e mestres de noviços não o desejam?) tem ali pistas variadas e interessantes. Para quem deseja abordar um assunto com profundidade, na medida em que vai desenvolvendo um tratado, o dicionário vai propondo mediante reenvios, complementações abundantes e muito bem escolhidas. No fim de cada assunto encontra-se também a lista dos assuntos afins.

Alguns artigos sobressaem pela profundidade e pela clareza com que foram abordados: *castidade* em seus aspetos bíblicos, teológicos e aplicação pedagógica; *comunidade*, com seu fundamento bíblico, reflexão teológica, aspetos psicológicos e aspetos teológicos; o *discernimento* examinado em sua definição, seu aparecimento na escritura, na história, na Igreja, nos carismas, na missão, nos conselhos evangélicos e na comunidade; a *formação* com um tratado completo e ilustrativo; a *eucaristia* com uma espiritualidade rica e clara, o *ministério* refletido para os religiosos e dentro de seu carisma específico tanto no ministério sacramental da ordem com em outros ministérios exercidos pelos religiosos também mulheres. Poderíamos acrescentar os excelentes verbetes sobre *oração*, *profissão*, *realização pessoal*, *seguimento* e *sociologia da instituição*. Mas seria injusto não mencionar dois excelentes tratados sobre a *vocação* e sobre os *votos*.

Nem tudo são maravilhas e não faltam alguns verbetes mais pobres e que não chegam a desenvolver tudo o que a vida consagrada poderia dizer principalmente se levarmos em conta riquezas do passo. Assim consideraríamos os verbetes *contemplação* e *ecologia*.

Cada artigo é encaixado num esquema geral inteligente: parte-se do conceito, da história, dos fundamentos bíblicos e da reflexão teológica para analisar depois os desafios atuais, as contribuições à Igreja e ao mundo dos religiosos para depois chegar a uma conclusão que se quer prospectiva.

Admire-se a coragem dos autores: nada é escondido ou camuflado. Dificuldades e discussões são apresentadas e analisadas com sinceridade e lisura.

Creio que o dicionário pode ser usado por qualquer leitor que tenha o hábito de estudar. Certamente não é uma leitura para beira de praia, mas também não é um resumo técnico reservado a especialistas. Embora exija um certo conhecimento da teologia e de seus métodos de pesquisa, poderá ser utilizada por qualquer pessoa que tenha interesses para uma reflexão profunda sobre os religiosos e sua vida.

Pe. Antônio Silva, CSSR

